

# **SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS POTENCIALMENTE EDUCADORES**

## **EDUCATIONAL POTENTIAL OF PUBLIC SPACE**

Prof. Dr. José Roberto Merlin  
FAU-PUC-Campinas e-mail: [jrmerlin@puc-campinas.edu.br](mailto:jrmerlin@puc-campinas.edu.br)

Prof. Dr. Eugenio Fernandes Queiroga  
FAUUSP e-mail: [queiroga@usp.br](mailto:queiroga@usp.br)

### **RESUMO**

Busca-se revelar parâmetros ligados a processos de composição das formas dos espaços públicos potencialmente educadores tendo em conta critérios nominados pela Associação Internacional de Cidades Educadoras, concepções de alguns autores qualificados e noções empíricas que nasceram das práticas dos autores. Objetiva destrinchar a composição espacial para revelar parâmetros materiais e abstratos visíveis e subjacentes aos artefatos que compõem o espaço para buscar conhecer os elementos vinculados à estruturação formal dos espaços públicos da cidade, especialmente pelo seu caráter educador.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaços públicos; espaços livres; cidades educadoras; espaços educadores; requalificação urbana.

### **ABSTRACT**

Search parameters linked to reveal the processes of composition of forms of public spaces potentially educators taking into account criteria nominated by the International Association of Educating Cities, some authors views of qualified and notions born of empirical practices of the authors. The objective is to unravel the composition space to reveal materials and parameters underlying the visible and abstract artifacts that make up the space to get to know the elements linked to the formal structure of the city's public spaces, especially his character educator.

**KEYWORDS:** public spaces, open spaces, educating Cities, spaces educators; urban renewal

## RELACIONANDO ESPAÇO E EDUCAÇÃO

Esta pesquisa é o início de um processo que pretende verificar as potencialidades educadoras no âmbito dos espaços públicos e das cidades, detendo-se mais na análise dos atributos da arquitetura em si como disciplina e seu entorno que em programas funcionais com intencionalidades sócio-políticas.

Depreende-se disto, a necessidade de se construir preliminarmente o que significam educação e espaço, no âmbito deste trabalho. A primeira idéia a ser rompida é a concepção de “espaço físico” banalizado como mera concreção pragmática, algo sem alma e sem história, quando se sabe que os espaços contam a história da civilização humana, são objetos informativos e formativos extrapolando a mera materialidade. Quanto à educação, ao partilhar do escopo da pesquisa, serão trabalhados parâmetros, sem adentrar fundamente nos conceitos e escolas ligadas estritamente nesta área de conhecimento. Carece situá-la dentro dos limites de nossa compreensão no que tange as proposições espaciais encaradas sob viés crítico e democrático.

Mesmo tratando da educação informal e tácita serão considerados como parâmetros as assertivas de Paulo Freire, especialmente quando coloca a educação como prática de liberdade e não de opressão, conjuminada com a inexorável força do processo de educação continuada em que estamos impelidos pela vida contemporânea.

*Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. Qual seria o núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial? O inacabamento ou a inconclusão do homem. O homem se sabe inacabado, por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 2001a: p.27).*

Isto significa que o homem precisa estar diuturnamente investigando e compreendendo as dinâmicas transformações do mundo e se aprimorando como sujeito diante da sociedade do conhecimento. No entanto, constata-se que, mesmo em ambientes escolares, descumprem-se suas prerrogativas de gerar espaços educadores libertários, tendendo mais a docilizar as pessoas que conscientizá-las augurando-lhes criticidade, conforme descreve muito bem Mayumi de Sousa Lima.

*“as salas de aula tinham, como continuam tendo, orientação para abertura de janelas à esquerda das carteiras, quadro à frente (...), junto à porta de acesso, com visor para a inspeção dos administradores. Essas salas sucediam-se lado a lado, ao longo de corredores (...) Este esquema, sempre igual, dava às escolas uma ar de caserna ou de presídio, onde as crianças caminhavam em filas, sob as vistas dos professores ou dos*

*bedéis. Mas o esquema ainda hoje não mudou inteiramente. O condicionamento à disciplina dá o tom geral dos espaços escolares.” (LIMA, 1989, p. 58).*

Assim, a importância do espaço arquitetônico como produto cultural requer atitudes responsivas por parte do arquiteto, incluindo as prerrogativas educadoras.

*“... não basta operar a partir de determinadas noções espaciais que se propõem como dados primeiros de uma cultura (...) é necessário, a partir desses dados, propor organizações espaciais que funcionem como **informadoras e formadoras (educadoras) dos usuários** na direção de uma mudança de comportamento que possa ser considerada como aperfeiçoadora das relações inter-humanas e motrizes do pleno desenvolvimento individual...” (COELHO NETO, 1997, p.47-48) Destaque nosso.*

Deduz-se ser indubitável que o espaço reflete a estrutura social e explicita o estágio de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade que o produziu. Considerado como totalidade híbrida e indissociável entre sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 1996), o espaço deixa de ser palco dos atos humanos e assume o status de instância social, assim como são instâncias da sociedade a economia, a política e a cultura.

Convalidando esta tendência de pensar o espaço buscando conhecer, problematizar e enfatizar seus atributos educadores na cidade surgiu a AICE - Associação Internacional de Cidades Educadoras - propondo que a cidade se torne uma grande escola a oferecer infindáveis possibilidades educadoras. Pela AICE, originária do 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona 1990, surgiu o embrião da “Carta das Cidades Educadoras” propugnando que a cidade seja a maior escola do mundo. A associação já congrega cerca de 350 cidades em mais de 30 países. Apoiada pela UNESCO sugere através de vinte princípios que o meio urbano ofereça possibilidades de “educação permanente” e estimula que as cidades se tornem plenamente “educadoras” – adjetivo daquelas que se comprometam institucionalmente com a função pedagógica em todas as suas ações e intervenções.

Indagada sobre o que é cidade educadora, Alicia Cabezudo, uma das dirigentes do movimento na América Latina, respondeu:

*É aquela que converte o seu espaço urbano em uma escola. Imagine uma escola sem paredes e sem teto. Nesse espaço, todos os lugares são salas de aula: rua, parque, praça, praia, rio, favela, shopping e também as escolas e as universidades. Há espaços para a educação formal, em que se aplicam conhecimentos sistematizados, e a informal, em que cabe todo tipo de conhecimento. Ela integra esses tipos de educação, ensinando todos os cidadãos, do bebê ao avô, por toda a vida. (CABEZUDO, Folha de São Paulo, 25/05/2004)*

## FORMA URBANA E CIDADES EDUCADORAS

Tratando especificamente do espaço, Lynch (2007, p.117-118) identifica cinco dimensões básicas ao especular sobre a boa forma urbana e mais dois meta-critérios elaborados sobre os cinco primeiros, explicitados abaixo:

*VITALIDADE*: vinculada em como a forma da cidade suporta as funções vitais e biológicas de acordo com a capacidade dos seres humanos;

*SENTIDO*: medido pela capacidade de compreensão e diferenciação mental dos usuários vinculando o espaço a seus conceitos, tratando das correspondências entre o ambiente e nossas construções mentais, sensoriais e culturais;

*ADEQUAÇÃO*: eficiência dos espaços em responder quantitativa e qualitativamente aos cenários comportamentais e padrões presentes e futuros;

*ACESSO*: competência de apoiar inter-relações pessoais e acesso a informações, recurso e atividades para obter serviços de diferentes naturezas;

*CONTROLE*: utilização de espaços permitindo acesso, criação, modificação e gestão de atividades pelo usuário;

*EFICIÊNCIA*: entendida como o custo da criação e manutenção para a concretização das cinco dimensões anteriormente citadas; e

*JUSTIÇA*: compreendida pela forma como estes benefícios estão distribuídos de modo a equilibrar os ganhos entre todos os cidadãos.

A *Carta das Cidades Educadoras* restringe-se a formulações cidadãs ligadas à educação estruturada no civismo e na ética buscando a igualdade entre as pessoas, valoriza a pluralidade e coloca a necessidade de diferentes tipos de encontros para formar cidadãos críticos e ativos face aos desafios da globalização. Aponta a importância do planejamento urbano para harmonização entre a preservação de símbolos e construções vinculados à memória e as novas necessidades. Sugere que o planejamento deve atentar para as necessidades, especialmente de pessoas dependentes de acessibilidade, promover encontros, relações e lazeres buscando aproximação com a natureza.

Embora coloque a importância do espaço, pouco toca em seus aspectos inerentes a não ser como programa de necessidades. Contraditoriamente parece descuidar de buscar possibilidades educadoras no espaço em si, o que revela a difícil empreitada de nossa tentativa.

## FATORES INTERVENIENTES

Seguem outros fatores que interferem nas características educadoras e na qualidade dos espaços:

**ESPAÇO COMO INSTÂNCIA SOCIAL.** Se o espaço é instância social ele contém a sociedade e a sociedade o contém, não é algo separado, mas totalidade que se confunde com a sociedade. Chamar-lhe de instância significa garantir ubiquidade e dinâmica próprias, confluentes às transformações sociais. Na concepção de Milton Santos, enquanto instância social suas categorias analíticas prevalentes são: forma, função, estrutura e processo.

*“...para estudar o espaço, cumpre aprender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e específica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção do espaço.”(SANTOS, 1985, p.47 Espaço e Método)*

Num olhar mais dilatado ampliam-se as relações entre espaços através do conceito de solidariedades que revelam os motores sócio-econômicos e políticos na produção do espaço urbano. Agora articulados por redes, devido ao aperfeiçoamento dos objetos técnicos, desdobrados em relações de verticalidade (acontecer hierárquico) e de horizontalidade (aconteceres homólogo e complementar), relacionam lugares contíguos com lugares distantes participantes da rede. Neste quadro a informação protagoniza, transformando o entorno que agora não é mais aquela área circundante e acéfala esperando ser apropriada pela expansão da malha urbana, mas algo com agentes ativos vizinhos e distantes.

Este processo transforma as relações do entorno e da própria apropriação do espaço pelas sensações humanas iniciando um novo modo de apreensão da realidade tangido estruturalmente pelos meios de informação, em que se degladiam o local e o global.

**ESPAÇO URBANO E ENTORNO.** O surgimento da grande cidade criou espaços próprios para a convivência de estranhos, engendrando a cultura da diferença fruto da coexistência de diferentes formas e concepções de mundo, resultando em ricos intercâmbios experimentados pela diversidade, educando os cidadãos para a prática da alteridade. Mas, dialeticamente, diante da velocidade acelerada de informações e imagens, potencializam-se, também processos de indiferenciação e de segregação sócio-espacial, constituem-se mais consumidores que cidadãos.

A cidade era caracterizada fisicamente por ter um centro próprio e relações de oposição ao campo. Com a recém chegada urbanização dispersa e fragmentada os centros se “periferizam” e a antiga relação cidade-campo se rompe, gerando territórios cujos limites ficam impossíveis precisar exatamente. Surgiram pontos de urbanização espalhados por bucólicas paisagens que

confundem os olhares sobre o tradicional perímetro urbano, gerando uma cidade amorfa confundindo-se com o campo.

Hoje, os objetos técnicos propiciaram a exacerbação das comunicações possibilitando que cidade e urbanidade como forma de vida, comecem a se desvincular devido às comunicações e a mobilidade motorizada, possibilitando a urbanidade em rincões distantes.

Coloca-se em cheque a cidade monumental detentora de lugares simbólicos vinculados ao poder. Agora, artistas, políticos e outros “astros” são vistos digitalmente nos meios de comunicação e não mais nas praças públicas em eventos planejados para causar emoção e demonstrar a força do poder que carregam. Estão em construção novas relações urbanas, na concretude e nas formas de convívio, pondo em cheque a tradição urbana da *polis* e da *civitas*, visto que a opinião pública está sendo moldada mais pelos meios de comunicação que em ruas e praças onde haja encontros sociais.

Cada vez mais, a mobilidade desenraiza os seres humanos de seus lugares, ceifando-lhes a identidade em relação aos seus espaços vitais. Num mesmo dia, dormem, trabalham, estudam e divertem-se circulando em espaços e mesmo cidades diferentes, sem saber exatamente onde vivem e de onde são.

Com a globalização disseminando processos de reestruturação urbana moldados por centros de compras lazer e entretenimento para atender o consumo das classes privilegiadas, os pobres resistem, aparecendo na malha urbana através de nichos étnicos, invasões e guetos, potencializando e ensaiando conflitos. Conquanto liberdade e anonimato oferecidos pelas cidades gerem sonhos, contraditoriamente, as ambivalências urbanas ressaltam medo, corrupção, desordem, insegurança e mesmo a aversão generalizada pela densidade urbana, trazendo algo ameaçador e molesto, que faz surgir novas formas de “rejeição do outro”, induzindo ao isolamento, obrigando-nos a refletir acerca das novas polarizações público-privado como espaços restauradores da cidadania.

FOCANDO NO ESPAÇO EM SI. Embora com farta literatura sobre espaços educativos formais e suas relações com a pedagogia, poucos tratam o espaço como algo educador em si, pelas suas próprias entranhas. Normalmente se atem a fatores mais objetivos como: iluminação, ventilação, limpeza, fluxos funcionais, conforto acústico-visual etc. Entretanto, estes parâmetros não esgotam a questão, deixando um vazio conceitual, por não tocar na qualidade do espaço na sua essência, como ciência, arte e produção cultural, que incita a intuição e a inteligência humanas. Poucos são os projetos e teorias que prestigiam estas qualidades espaciais. Entre eles, por exemplo, o “Órgão do Mar”, projeto urbano na cidade de Zadar, na Croácia, do arquiteto Nikola Basic, que pode ser tratado como paradigmático. Através de um sistema de tubos e furos colocados nos espelhos das escadarias de um espaço coletivo a beira-mar tangenciando a água, são produzidos sons pela pressão do ar dentro dos tubos,

exercida através da movimentação das ondas, criando acordes inéditos ditados pelo balancear natural das águas. Há outras obras inéditas explorando formas sob a luz, como é habitual nos projetos de Louis Kahn e Tadao Ando, tingindo e atingindo o estranhamento perceptivo. Há inclusive um projeto em Campinas, criado por jovens arquitetos locais dentre os quais Pedro Manieri, de uma praça com esculturas feitas com tubos, que conforme os movimentos do vento geram sons homenageando a musicalidade da cidade onde nasceu Carlos Gomes. (Figura 01)

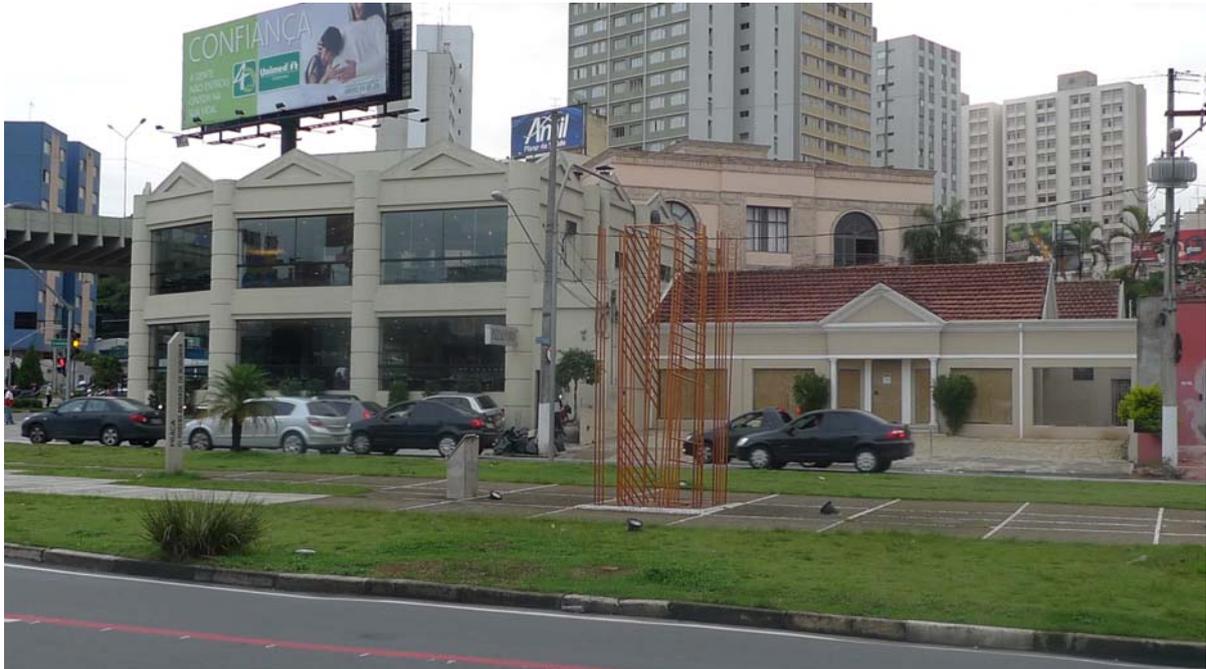


Figura 01. Praça Dr Rubens Andrade de Noronha. Campinas, Brasil.  
Foto: José Roberto Merlin

Outro exemplo bastante completo é o Parque dos Pés Descalços, em Medellín, na Colômbia, em que foram criados percursos e formas que atingem todos os órgãos dos sentidos do corpo humano, massageando os pés (reflexologia), movimentando, alongando e equilibrando o corpo (fisioterapia), causando sensações tácteis, fazendo sentir o perfume de espécies vegetais e terminando com a mastigação de folhas de vegetais, num caminho cuidadosamente estudado e orientado por monitores, que traz relaxamento físico e mental aos usuários através de experiências organizadas, caminhando pelo próprio espaço. (Figura 02)



Figura 02. Parque dos Pés Descalços. Medellín, Colombia.  
Foto: José Roberto Merlin

São raras as informações sobre espaços fora da funcionalidade objetiva, mesmo na literatura da Barcelona olímpica, paradigma do planejamento estratégico contemporâneo e nascedouro da AICE - Associação Internacional de Cidades Educadoras. Quando alguns notáveis urbanistas, geógrafos e outros especialistas, foram chamados a discutir a questão espacial na cidade educadora, trataram o assunto, sem adentrar nos meandros da linguagem urbana complexa. Não destacaram questões intrínsecas ao espaço, ficando seus discursos restritos a programas sócio-políticos de diminuição das diferenças sociais, ao redirecionamento de verbas, a participação popular no orçamento municipal etc., omitindo as possibilidades educadoras inerentes ao espaço em si, subjacentes à forma.

EDUCAÇÃO PELA ARTE. Arquitetura é linguagem, portanto produção cultural vinculada ao campo das artes cuja sensação fundamental é causar o “estranhamento” que dilata o conhecimento sensível ao se defrontar com o inédito.

A arte contemporânea reflete a sociedade e, cada vez mais, sai de seletos museus para se realizar em espaços públicos coletivos menos empoeirados conforme se vê, por exemplo, em Medellín, Colombia. (Figura 03)



Esculturas de Botero em praça de Medellín, Colombia.

Foto: José Roberto Merlin

Devido à linguagem dos meios de comunicação, a educação pela arte tem destituído a apreensão do mundo puramente pelos sentidos gerando uma realidade de segundo grau, dada pela linguagem dos meios de comunicação, confundindo verdade e falsificação.

*“Se o mundo circundante tem para nós alguma realidade objetiva, é a construída pela linguagem que utilizamos. Não podemos escapar a esse universo de linguagem. O que significa, entre outras coisas, que o desenvolvimento de linguagens artificiais e o uso cada vez mais generalizado delas alteram nossa visão de realidade. Constroem pouco a pouco, outro mundo”. (CAUQUELIN, 2005, p.64)*

Diante deste quadro inusitado em que a linguagem é imposta pela informação através dos objetos técnicos é preciso pensar o espaço enquanto arte usando padrões estéticos que revelem o mundo ao usuário fazendo com que construa sua autonomia intelectual pela sua própria percepção, preparando-o para contrapor o local ao global, mesmo nos níveis da percepção.

## **SINTETIZANDO**

Baseando-se na empiria, nas proposições teóricas e na Carta das Cidades Educadoras se construiu parâmetros que a nosso ver, sintetizam hipóteses acerca de espaços potencialmente educadores. Para tal importa considerar os itens infra-citados:

- a. *Relações com entorno* – quando permitem ampla acessibilidade, respeitam o meio ambiente e consideram entorno;
- b. *História do lugar* – quando relatam a história do lugar desvelando os eventos significativos pregressos, evidenciam como e quando foram concebidos e construídos; revelam intencionalidades dos propositores (agentes sociais, políticos, autores);
- c. *Encontros humanos* – quando estimulam eventos sociais, políticos ou culturais (no *stricto* e *lato sensu*), promovem relações interpessoais e o respeito à alteridade;
- d. *Suscitar percepções* – Quando aguçam os órgãos dos sentidos humanos (visão, olfato, tato, audição, gustação) e facilitam a eclosão de sensações de estranhamento;
- e. *Qualidade do design* – Quando os programas de necessidades permitem múltiplos usos e atividades (contemplação, cultivo do corpo, descanso etc.) e, principalmente, dignificam o lugar como produção cultural oferecendo espaço de qualidade funcional, técnica, ética, política e estética à apropriação pública pela qualidade de seu desenho.

Este quadro deve ser o ponto de partida da pesquisa que buscará desvelar constructos espaciais vinculando-os às possibilidades da arte, as prerrogativas da psicologia ambiental, a fatores constitutivos da esfera de vida pública contemporânea e a procedimentos adequados a um design educador de qualidade vinculando arquitetura-urbanismo como disciplina, colimando os objetivos primordiais pautados neste arcabouço de pesquisa.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AICE- *Carta das Cidades Educadoras*. Declaração de Barcelona, 1990, revisão Bologna, 1994. Disponível em [www.fpce.up.pt/OCE/Cartadascidadeseducadoras.pdf](http://www.fpce.up.pt/OCE/Cartadascidadeseducadoras.pdf). Acesso em 20/09/2011.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COELHO NETO, J. Teixeira. *A Construção do Sentido na Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo : Centauro, 2001.
- LIMA, Mayumi S. *A cidade e a criança*. São Paulo, Nobel, 1989.
- LINCH, Kevin. *A Boa Forma Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.